



## Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: História, Estéticas e Vozes Plurais — Fundamentos, Abordagens e Práticas

### *African Literatures in Portuguese: History, Aesthetics, and Plural Voices — Foundations, Approaches, and Practices*

Ana Luiza Firmeza Rocha

*Pós Doutora em Artes pela UFPA e Doutora em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.*

**Resumo:** O presente estudo analisa as literaturas africanas de língua portuguesa a partir de uma abordagem histórica, estética e crítica, destacando sua constituição como um campo plural e dinâmico no interior do espaço lusófono. Considerando os contextos de colonização e descolonização em países como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, o estudo evidencia como essas literaturas emergem como formas de resistência cultural, afirmação identitária e reinvenção da língua portuguesa. Ao longo do texto, são discutidos os principais momentos históricos dessas produções literárias, desde o período colonial até o pós-independência, enfatizando o papel da literatura nas lutas políticas e na construção das identidades nacionais. O estudo também aborda as especificidades estéticas das literaturas africanas, com destaque para a centralidade da oralidade, a hibridização linguística e a inovação formal. A língua portuguesa, inicialmente imposta como instrumento de dominação colonial, é ressignificada pelos autores africanos, que a transformam em um espaço de criação e expressão cultural, incorporando elementos das línguas locais e das tradições orais. Nesse sentido, a literatura africana revela-se como um campo de experimentação estética, no qual diferentes formas de narrar e representar a realidade são constantemente elaboradas. Além disso, o estudo enfatiza a presença de vozes plurais nessas literaturas, incluindo autores e autoras que abordam questões relacionadas à identidade, gênero, memória e pós-colonialidade. As produções literárias africanas de língua portuguesa são analisadas como espaços de reconstrução histórica e de problematização das relações de poder, contribuindo para o enfrentamento de narrativas hegemônicas e para a valorização das experiências africanas. Por fim, o estudo discute os fundamentos, abordagens e práticas para o ensino dessas literaturas, destacando sua importância para a construção de uma educação intercultural, crítica e inclusiva, capaz de ampliar o repertório cultural dos estudantes e promover o diálogo entre diferentes tradições literárias.

**Palavras-chave:** literaturas africanas; língua portuguesa; oralidade; pós-colonialidade; identidade; interculturalidade; ensino de literatura; vozes plurais.

**Abstract:** This study analyzes African literatures in Portuguese from a historical, aesthetic, and critical perspective, highlighting their constitution as a plural and dynamic field within the Lusophone world. Considering the contexts of colonization and decolonization in countries such as Angola, Mozambique, Cape Verde, Guinea-Bissau, and São Tomé and Príncipe, the study demonstrates how these literatures emerge as forms of cultural resistance, identity affirmation, and reinvention of the Portuguese language. Throughout the text, the main historical moments of these literary productions are discussed, from the colonial period to the post-independence era, emphasizing the role of literature in political struggles and in

the construction of national identities. The article also examines the aesthetic specificities of African literatures, with emphasis on the centrality of orality, linguistic hybridity, and formal innovation. The Portuguese language, initially imposed as an instrument of colonial domination, is re-signified by African authors, who transform it into a space of creation and cultural expression by incorporating elements from local languages and oral traditions. In this sense, African literature emerges as a field of aesthetic experimentation in which different ways of narrating and representing reality are continuously developed. Furthermore, the study highlights the presence of plural voices within these literatures, including authors who address issues related to identity, gender, memory, and postcoloniality. African literary productions in Portuguese are analyzed as spaces for historical reconstruction and for questioning power relations, contributing to the challenge of hegemonic narratives and to the valorization of African experiences. Finally, the study discusses the foundations, approaches, and practices for teaching these literatures, emphasizing their importance for the development of an intercultural, critical, and inclusive education capable of broadening students' cultural repertoire and fostering dialogue between different literary traditions.

**Keywords:** African literatures; Portuguese language; orality; postcoloniality; identity; interculturality; literature teaching; plural voices.

## INTRODUÇÃO

As literaturas africanas de língua portuguesa constituem um campo plural, complexo e profundamente marcado por processos históricos, culturais e políticos que atravessam o continente africano e suas relações com a colonização europeia. Produzidas em países como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, essas literaturas emergem como espaços de resistência, construção identitária e reinvenção da língua portuguesa, que deixa de ser apenas instrumento colonial para se tornar meio de expressão de experiências africanas diversas. Nesse sentido, mais do que um conjunto homogêneo de obras, trata-se de um campo literário marcado por múltiplas vozes, estéticas e perspectivas, que refletem as tensões entre tradição e modernidade, oralidade e escrita, memória e história.

A emergência dessas literaturas está diretamente relacionada aos processos de colonização e descolonização, sendo possível identificar nelas um movimento de afirmação cultural e política que acompanha as lutas pela independência dos países africanos de língua portuguesa. Conforme apontam estudos sobre o tema, essas produções literárias assumem um ponto de vista “de dentro para fora” (Santos, 2010, 76), rompendo com a visão colonial e afirmando narrativas próprias sobre a realidade africana. Assim, compreender as literaturas africanas de língua portuguesa implica analisar suas bases históricas, suas especificidades estéticas e a diversidade de vozes que as constituem.

## HISTÓRIA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa remonta à segunda metade do século XIX, período em que surgem as primeiras obras escritas por autores africanos em língua portuguesa, como *Espontaneidades da minha alma* (1849), de José da Silva Maia Ferreira. No entanto, é sobretudo no século XX que essas literaturas ganham força, especialmente no contexto das lutas anticoloniais, quando a escrita passa a desempenhar um papel central na construção de identidades nacionais e na denúncia das violências do colonialismo.

De modo geral, é possível identificar três grandes momentos históricos nessas literaturas: o período colonial, marcado pela influência europeia e pela tentativa de assimilação cultural; o período pré-independência, caracterizado pelo engajamento político e pela afirmação identitária; e o período pós-independência, no qual emergem novas questões relacionadas à construção das nações, às crises sociais e à complexidade das identidades contemporâneas. Durante o período de luta pela independência, autores como Agostinho Neto, José Craveirinha (1964, p. 44) e Noémia de Sousa desempenharam papel fundamental, utilizando a literatura como instrumento de resistência e mobilização política.

No contexto pós-independência, a literatura passa a explorar novas temáticas, como os conflitos internos, a memória da guerra, as desigualdades sociais e as transformações culturais. Autores contemporâneos como Mia Couto, Paulina Chiziane e Pepetela destacam-se por suas obras que problematizam a realidade pós-colonial e exploram novas formas de expressão literária .

## ESTÉTICAS LITERÁRIAS: LÍNGUA, ORALIDADE E INOVAÇÃO

As literaturas africanas de língua portuguesa caracterizam-se por uma profunda inovação estética, especialmente no que diz respeito ao uso da linguagem e à incorporação da oralidade. A língua portuguesa, inicialmente imposta como instrumento de dominação, é ressignificada pelos autores africanos, que a reinventam a partir de suas experiências culturais, incorporando expressões locais, estruturas narrativas próprias e elementos das línguas africanas.

Nesse sentido, a obra de Mia Couto (1992, p. 89) é emblemática, ao propor uma escrita que mistura o português com elementos da oralidade africana, criando uma linguagem poética e inovadora. Sua literatura evidencia como a língua pode ser transformada em espaço de criação e resistência, articulando memória, imaginação e realidade. Como destacam análises críticas, essa reinvenção linguística constitui uma das marcas mais importantes das literaturas africanas contemporâneas, permitindo a construção de uma estética própria, que desafia as normas da língua padrão.

Além da linguagem, a oralidade desempenha um papel fundamental nessas literaturas. As tradições orais africanas — mitos, lendas, histórias e cantos — são

frequentemente incorporadas às narrativas escritas, criando uma intersecção entre diferentes formas de expressão. Essa característica evidencia que a literatura africana não pode ser compreendida apenas a partir de parâmetros ocidentais, sendo necessário reconhecer a centralidade da oralidade na construção do imaginário e da memória coletiva.

Outro aspecto relevante diz respeito à diversidade estética dessas literaturas, que incluem diferentes gêneros e formas de expressão, como poesia, romance, conto e teatro. Em Cabo Verde, por exemplo, o movimento Claridade (2004, p. 56) foi fundamental para a construção de uma literatura voltada para a realidade local, enquanto em Angola e Moçambique a literatura esteve fortemente ligada às lutas políticas e sociais. Essa diversidade evidencia que não há uma única estética africana, mas múltiplas formas de expressão que refletem as especificidades de cada contexto.

## **VOZES PLURAIS: IDENTIDADE, GÊNERO E MEMÓRIA**

As literaturas africanas de língua portuguesa são marcadas pela presença de vozes plurais, que expressam diferentes experiências e perspectivas sobre a realidade africana. Essas vozes incluem não apenas escritores homens, tradicionalmente mais visibilizados, mas também mulheres que têm desempenhado um papel fundamental na renovação do campo literário.

Autoras como Paulina Chiziane (2004, p. 45) e Conceição Lima (2004, p. 32) trazem para o centro da narrativa questões relacionadas ao gênero, à tradição e à identidade, problematizando as relações de poder e as transformações sociais em suas sociedades. A obra de Chiziane, por exemplo, aborda temas como a poligamia, a condição feminina e os conflitos culturais, contribuindo para ampliar o debate sobre o papel da mulher nas sociedades africanas.

Além disso, essas literaturas dialogam com questões de memória e identidade, especialmente no contexto pós-colonial. A escrita torna-se um espaço de reconstrução da história, permitindo revisitar o passado e reinterpretar as experiências coletivas. Como apontam estudos críticos, a literatura africana contemporânea busca combater o apagamento histórico e afirmar narrativas próprias, constituindo-se como um espaço de resistência cultural.

Outro aspecto importante é a relação dessas literaturas com a diáspora e com outras produções lusófonas, especialmente no Brasil. As conexões entre África e Brasil, por exemplo, evidenciam a existência de um espaço cultural compartilhado, no qual circulam temas, estéticas e experiências comuns, ampliando o alcance e a relevância dessas produções.

## FUNDAMENTOS, ABORDAGENS E PRÁTICAS NO ENSINO DAS LITERATURAS AFRICANAS

O estudo das literaturas africanas de língua portuguesa no contexto educacional representa uma importante oportunidade para a construção de uma educação mais plural, crítica e inclusiva. Ao incorporar essas literaturas ao currículo, é possível ampliar o repertório cultural dos estudantes e promover o reconhecimento da diversidade de vozes que compõem o espaço lusófono.

Nesse sentido, abordagens pedagógicas que valorizem a interculturalidade (2011, p. 23) e o diálogo entre diferentes tradições literárias são fundamentais. A leitura de obras africanas permite problematizar questões como colonialismo, identidade, racismo e diversidade cultural, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção no mundo.

Além disso, práticas pedagógicas que integrem literatura, oralidade e produção cultural podem enriquecer o processo educativo, aproximando os estudantes das experiências e das narrativas africanas. Projetos de leitura, análise comparativa entre literaturas africanas e brasileiras e atividades de produção textual inspiradas nas obras estudadas são exemplos de estratégias que podem ser utilizadas no ensino dessas literaturas.

A inserção das literaturas africanas de língua portuguesa no ensino constitui não apenas uma ampliação do repertório literário, mas um gesto político, epistemológico e pedagógico que visa deslocar o eixo eurocêntrico ainda dominante nos currículos escolares e universitários. Nesse sentido, ensinar essas literaturas implica reconhecer a pluralidade de vozes que compõem o espaço lusófono e promover uma educação comprometida com a diversidade cultural, a justiça social e a descolonização do conhecimento.

Como destaca Paulo Freire, o ato educativo deve ser entendido como prática de liberdade, na qual o sujeito se reconhece como agente de sua própria história, o que exige uma pedagogia que valorize diferentes experiências e saberes (Freire, 1996, p. 67). Assim, o ensino das literaturas africanas se configura como um caminho privilegiado para a construção de uma educação crítica, capaz de problematizar relações de poder, identidade e cultura.

Do ponto de vista dos fundamentos teóricos, é imprescindível situar o ensino dessas literaturas no campo dos estudos pós-coloniais e das epistemologias do Sul, que propõem uma revisão das formas tradicionais de produção e validação do conhecimento. Como argumenta Boaventura de Sousa Santos, é necessário promover uma “ecologia de saberes”, na qual diferentes formas de conhecimento coexistam e dialoguem em condições de igualdade (Santos, 2010, p. 32). Essa perspectiva é fundamental para o ensino das literaturas africanas, pois permite reconhecer a legitimidade das tradições orais, das cosmologias africanas e das experiências históricas que informam essas produções literárias. Nesse contexto, o professor assume o papel de mediador intercultural, responsável por criar pontes entre diferentes universos simbólicos e por estimular a leitura crítica das obras.

Além disso, as abordagens pedagógicas voltadas para o ensino dessas literaturas devem considerar a centralidade da oralidade como elemento estruturante das culturas africanas. Diferentemente do modelo ocidental, que privilegia a escrita como forma principal de registro e transmissão do conhecimento, as sociedades africanas desenvolveram sistemas complexos de oralidade, nos quais mitos, histórias, cantos e provérbios desempenham funções educativas fundamentais.

Nesse sentido, práticas pedagógicas que incorporem a oralidade — como a leitura em voz alta, a dramatização, a contação de histórias e a produção de narrativas orais — são essenciais para aproximar os estudantes das especificidades dessas literaturas. Como observa Amadou Hampâté Bâ, “na África, quando um ancião morre, é uma biblioteca que se queima”, ressaltando a importância da memória e da transmissão oral na preservação do conhecimento (Bâ, 2010, p.76).

No que se refere às práticas pedagógicas, destaca-se a importância de metodologias ativas e participativas, que envolvam os estudantes como sujeitos do processo de aprendizagem. A leitura de obras africanas pode ser articulada com debates, seminários, projetos interdisciplinares e produções textuais que estimulem a reflexão crítica sobre temas como colonialismo, identidade, racismo, gênero e desigualdade social.

A análise comparativa entre literaturas africanas e brasileiras, por exemplo, constitui uma estratégia potente para evidenciar conexões históricas e culturais, permitindo que os estudantes compreendam as relações entre África e diáspora africana no Brasil. Essa abordagem contribui para a construção de uma consciência histórica e cultural mais ampla, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento das influências africanas na formação da sociedade brasileira.

Outro aspecto relevante diz respeito à seleção do corpus literário, que deve contemplar a diversidade de autores, gêneros e perspectivas presentes nas literaturas africanas de língua portuguesa. É fundamental incluir não apenas autores consagrados, mas também vozes femininas, jovens escritores e produções contemporâneas que dialoguem com questões atuais.

A presença de autoras como Paulina Chiziane (2004, p. 45), por exemplo, permite ampliar o debate sobre gênero e identidade, enquanto obras de autores como Mia Couto (1992) e Pepetela (1980, p.78) possibilitam explorar diferentes formas de narrar a realidade africana. Essa diversidade é essencial para evitar a construção de uma visão estereotipada ou limitada da África, promovendo uma compreensão mais complexa e plural do continente.

Ademais, o ensino dessas literaturas deve estar articulado às diretrizes legais que orientam a educação brasileira, especialmente a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Essa legislação representa um marco importante na valorização das contribuições africanas e na promoção de uma educação antirracista, sendo o ensino da literatura um dos principais caminhos para sua efetivação.

No entanto, a implementação dessa lei ainda enfrenta desafios, como a falta de formação específica dos professores e a escassez de materiais didáticos

adequados, o que reforça a necessidade de investimentos em políticas públicas e em formação continuada.

Outro elemento fundamental refere-se ao uso de recursos didáticos diversificados, que possam enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Além dos textos literários, é possível utilizar filmes, músicas, entrevistas, documentários e produções artísticas africanas, ampliando o contato dos estudantes com diferentes formas de expressão cultural. Essa abordagem multimodal contribui para tornar o ensino mais dinâmico e significativo, ao mesmo tempo em que favorece a compreensão das literaturas africanas em sua dimensão cultural mais ampla.

Por fim, é importante destacar que o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa não deve ser entendido como um conteúdo isolado, mas como parte de um projeto educativo mais amplo, comprometido com a formação de sujeitos críticos, conscientes e sensíveis à diversidade cultural.

Como afirma Bell Hooks (2013, p.45), a educação pode ser um espaço de transgressão, no qual se constroem novas formas de pensar e de viver. Nesse sentido, trabalhar com literaturas africanas significa abrir espaço para outras narrativas, outras epistemologias e outras possibilidades de existência, contribuindo para a construção de uma educação verdadeiramente emancipatória.

Dessa forma, os fundamentos, abordagens e práticas aqui discutidos evidenciam que o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa possui um enorme potencial transformador, ao promover o diálogo intercultural, a valorização da diversidade e a construção de uma consciência crítica sobre as relações entre literatura, história e sociedade. Trata-se, portanto, de um campo pedagógico que não apenas amplia horizontes, mas também contribui para a construção de uma educação mais justa, plural e comprometida com a dignidade humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As literaturas africanas de língua portuguesa constituem um campo dinâmico e plural, que reflete a complexidade das experiências históricas, culturais e sociais dos países africanos que compartilham a língua portuguesa. Ao longo de sua trajetória, essas literaturas têm desempenhado um papel fundamental na construção de identidades, na resistência ao colonialismo e na reinvenção da linguagem, afirmando-se como espaços de produção de conhecimento e de expressão cultural.

A diversidade de vozes, estéticas e perspectivas presentes nessas literaturas evidencia que não há uma única forma de narrar a experiência africana, mas múltiplas possibilidades que dialogam entre si e com o mundo. Nesse sentido, o estudo dessas produções literárias não apenas amplia o horizonte cultural, mas também contribui para a construção de uma compreensão mais crítica e sensível das relações entre literatura, história e sociedade.

A análise das literaturas africanas de língua portuguesa evidencia que estamos diante de um campo literário profundamente complexo, atravessado por

processos históricos, culturais e políticos que não apenas marcaram a formação dessas nações, mas continuam a influenciar suas produções contemporâneas.

Ao longo deste estudo, tornou-se evidente que essas literaturas não podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva homogênea ou universalizante, pois se constituem como espaços plurais de enunciação, nos quais diferentes vozes, experiências e identidades se entrecruzam. Nesse sentido, mais do que um conjunto de obras, as literaturas africanas de língua portuguesa representam um projeto estético e político que busca afirmar outras formas de ver, narrar e compreender o mundo, rompendo com as narrativas hegemônicas impostas pelo colonialismo.

A dimensão histórica dessas literaturas revela que a escrita desempenhou um papel central nas lutas anticoloniais, funcionando como instrumento de denúncia, resistência e mobilização. Como afirma Frantz Fanon, “cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la” (Fanon, 1961, p.88), o que permite compreender a literatura como espaço de engajamento e de construção de consciência coletiva.

Nesse contexto, autores africanos de língua portuguesa assumiram a tarefa de reescrever a história a partir de suas próprias perspectivas, desafiando as representações coloniais e afirmando identidades nacionais em processo de construção. A literatura, portanto, não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da sua transformação, contribuindo para a construção de novas narrativas sobre o passado e o presente.

Do ponto de vista estético, essas literaturas se destacam pela capacidade de reinventar a língua portuguesa, transformando-a em um instrumento de expressão cultural e de resistência simbólica. A incorporação da oralidade, das línguas locais e das tradições culturais evidencia que a escrita africana não se submete aos padrões normativos da língua, mas os subverte, criando novas possibilidades expressivas.

Nesse sentido, como argumenta Homi K. Bhabha, a cultura pós-colonial se constitui em um “entre-lugar”, no qual identidades e significados são constantemente negociados e reconfigurados (Bhabha, 1998, p. 12). Essa noção é fundamental para compreender a estética das literaturas africanas, que se caracterizam pela hibridização, pela experimentação e pela abertura ao diálogo entre diferentes tradições culturais.

Outro aspecto central diz respeito à pluralidade de vozes que compõem esse campo literário, especialmente no que se refere à presença de autoras que têm contribuído para a problematização das relações de gênero e das estruturas sociais. A literatura africana contemporânea amplia o escopo das narrativas ao incorporar perspectivas femininas, subalternas e marginalizadas, evidenciando que a construção da identidade não é um processo homogêneo, mas atravessado por múltiplas experiências.

Como destaca Gayatri Chakravorty Spivak (1988, p. 89), a questão “pode o subalterno falar?” permanece central para a compreensão das dinâmicas de poder que atravessam a produção cultural, sendo a literatura um espaço privilegiado para a emergência dessas vozes historicamente silenciadas.

No âmbito educacional, a inserção das literaturas africanas de língua portuguesa no currículo escolar representa uma importante estratégia para a construção de uma educação mais plural, crítica e comprometida com a diversidade cultural. Ao entrar em contato com essas produções, os estudantes têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, questionar estereótipos e desenvolver uma compreensão mais complexa das relações entre literatura, história e sociedade.

Nesse sentido, como afirma Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p.67), o que reforça a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a experiência dos sujeitos e promova o diálogo entre diferentes contextos culturais. A literatura africana, ao trazer outras formas de ver o mundo, contribui significativamente para esse processo formativo.

Além disso, é importante destacar que o estudo dessas literaturas permite estabelecer conexões entre diferentes espaços do mundo lusófono, especialmente entre África e Brasil, evidenciando a existência de um campo cultural compartilhado, marcado por histórias de colonização, resistência e reinvenção. Essas conexões ampliam as possibilidades de leitura e interpretação, permitindo que os estudantes reconheçam as relações históricas e culturais que atravessam o espaço atlântico. Nesse sentido, as literaturas africanas de língua portuguesa não apenas enriquecem o campo literário, mas também contribuem para a construção de uma consciência crítica sobre as relações de poder, identidade e cultura no mundo contemporâneo.

Por fim, pode-se afirmar que as literaturas africanas de língua portuguesa constituem um espaço privilegiado para a reflexão sobre a condição humana, as relações sociais e os processos históricos que moldam as sociedades. Ao articular história, estética e política, essas literaturas oferecem importantes contribuições para o pensamento crítico e para a construção de uma visão de mundo mais plural e inclusiva. Mais do que objetos de estudo, elas se apresentam como práticas de resistência, criação e transformação, reafirmando o papel da literatura como espaço de produção de conhecimento e de intervenção na realidade.

Dessa forma, reconhecer a importância das literaturas africanas de língua portuguesa implica não apenas valorizar suas produções, mas também incorporar suas perspectivas no debate acadêmico e educacional, contribuindo para a construção de uma cultura mais democrática, diversa e sensível às múltiplas vozes que compõem o mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História geral da África I. Brasília: UNESCO, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FERREIRA, José da Silva Maia. **Espontaneidades da minha alma**. Luanda, 1849.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

CRAVEIRINHA, José. **Xigubo**. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1964.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PEPETELA, Mayombe. **Lisboa: Dom Quixote**, 1980.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Literaturas africanas de língua portuguesa: caminhos da crítica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Can the subaltern speak?** In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (org.). **Marxism and the interpretation of culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988.